

## MOVIMENTOS SOCIAIS FEMINISTAS: BIOGRAFIAS DE ATIVISTAS NA CIDADE DE PELOTAS

ADRIANA LESSA CARDOSO<sup>1</sup>; MÁRCIA ALVES DA SILVA - ORIENTADORA<sup>2</sup>;

<sup>1</sup>*Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas 1 –*  
[adrianalessacardoso@gmail.com](mailto:adrianalessacardoso@gmail.com)

<sup>2</sup> *Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas –*  
[profa.marciaalves@gmail.com](mailto:profa.marciaalves@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

O estudo tem a intenção de refletir sobre biografias de ativistas feministas na cidade de Pelotas, RS/Brasil. Trata de que mulheres foram precursoras no fortalecimento político e democrático do país, pois em suas ações locais, contribuíram para a criação de grupos feministas e visibilizaram diversas formas de opressões, sexistas, patriarcais, classe e raça da nossa sociedade. Entendemos que os movimentos sociais estão fortemente amalgamados com a educação (GOHN, 2010 e 2011), a educação aqui vista como um ato político, assim procuramos uma compreensão de educação mais ampla, que abranja também os espaços de aprendizagens e produção de saberes dos movimentos sociais, especificamente o movimento feminista.

Utilizamos o referencial feminista descolonial, enquanto perspectiva vinculada à resistência do sistema capitalista mundial globalizado. Centralizamos nossas bases teóricas especialmente nas seguintes autoras Heleith Saffioti (2004; 2013), para compreender sobre patriarcado, violência doméstica a partir da classe social; Ochy Curiel (2007) por discutir sobre feminismo descolonial, antirracista e anticapitalista, visando o silenciamentos de mulheres negras, indígenas e latino-americanas, tanto na ciências como na vida social e nos espaços políticos de tomada de decisões; Maria da Glória Gohn (2010) ao trazer a perspectiva dos movimentos sociais, enquanto ato político de reivindicação e como prática educativa, Marcela Lagarde y de Los Rios (2015), auxiliando o entendimento da construção social das mulheres enquanto um ser para os outros e a condição das mulheres em permanentes cativeiros; Silvia Federici (2017), trazendo a tese de que a caça às bruxas aprofundou a divisão entre homens e mulheres, esse acontecimento pouco discutido, influenciou o desenvolvimento do capitalismo e a formação do proletariado moderno. E por fim, Patrícia Hill Collins (2017) e bell hooks (2019), autoras que apresentam o movimento feminista negro, antirracista, por meio da interseccionalidade, ou seja, as relações entre classe, gênero e raça como inseparáveis ao compreender as múltiplas opressões e atuar para uma justiça social. Com essas autoras pretendemos compreender o processo de ativismo social das colaboradoras da pesquisa enquanto prática local de resistência ao sistema sexista em que vivemos, levando em consideração a condição histórica das mulheres, em relação a classe social, gênero, raça, divisão sexual do trabalho e empoderamento social.

### 2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada é de cunho biográfico e tem como base buscar respostas para questões originadas na práxis social. Rosenthal (2014), considera que as narrativas sobre o passado estão diretamente vinculadas ao presente, contudo as trajetórias de vida estão de acordo com o contexto social atual, possibilitando reinterpretações de vida individual e coletiva. O método se compõe de entrevistas

narrativas. Para Jovchelovitch e Bauer (2002) contar histórias implica se deter em acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana, tratando-se de um processo de reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva das colaboradoras.

Nesta pesquisa, realizamos cinco entrevistas narrativas com mulheres ativistas do movimento feminista da cidade de Pelotas/RS. A escolha dessas colaboradoras se deu ao localizarmos o devido reconhecimento por suas atuações no movimento de mulheres. Na parte procedural do levantamento de dados construímos um guia para orientar o diálogo e não fugir da temática e dos objetivos da pesquisa, sem com isso, querer obter apenas respostas diretas. Acrescentamos que a metodologia da entrevista narrativa não busca uma história linear, desse modo possibilitou que as colaboradoras contassem a partir de suas experiências pessoais e fazendo elos com o contexto atual.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As mulheres colaboradoras com este estudo contribuíram para a criação de espaços institucionalizados de ativismo, como o Conselho Municipal da Mulher, Grupo Autônomo de Mulheres Pelotas - GAMP, União Brasileira de Mulheres – UBM e também contribuíram abrindo espaços de discussões feministas nos sindicatos, partidos políticos e na comunidade Católica. Elas compõem alguns dos grupos de ações sociais coletivas com caráter sócio-político e cultural para realizar ações concretas de enfrentamento ao modelo hegemônico.

Na análise deste estudo destacaram-se as categorias interseccionalidade, divisão sexual do trabalho, empoderamento social, violência doméstica e ativismo feminista. As relações de gênero e raça são narradas por duas de nossas colaboradoras, Rosa por experienciar a condição de mulher negra e pobre, tem a necessidade de pensar a sua negritude a outra colaboradora, sente a necessidade por testemunhar determinados padrões racistas nos espaços escolares, onde trabalha como professora. Rosa e Cláudia aprenderam sobre negritude na prática e nas rodas de conversa dos movimentos sociais. Cláudia também recorreu a literatura e citou Ângela Davis para ilustrar a necessidade de aprofundar alguns conhecimentos. Para Collins (2017), a interseccionalidade antes de ser um projeto de conhecimento científico se apresenta como um projeto de justiça social, autonomia e emancipação.

Referente a divisão sexual do trabalho, todas entendem que não há emancipação sem autonomia financeira, e que nem todas as mulheres possuem autonomia, muito pelo contrário, em seus relatos dão a entender a articulação do trabalho remunerado e violência, por exemplo, ao dizer que violência doméstica ocorre em todas as classes sociais, mas as mulheres pobres, principalmente as que vivem em situação de vulnerabilidade social, desemprego ou trabalho precarizado têm mais dificuldade de sair do ciclo da violência doméstica, portanto a classe social se apresenta como categoria central para superar desigualdades e consequentemente as violências patriarcais. O capitalismo se apresenta de maneira extremamente adversa às mulheres (SAFFIOTI, 2013). A precarização do trabalho e o desemprego advindas do modo de produção capitalista tem como princípio a separação por gênero, raça, orientação sexual, entre outras. Essa separação funciona como uma ferramenta utilizada pelos capitalistas para gerenciar a oferta de trabalho, visto que os capitalistas compram a força de trabalho, e quanto mais oferta, melhor se torna para exploração (HARVEY, 2011).

E é neste contexto por emancipação que elas promovem em seus espaços de trabalho atividades como palestras para informar sexismos e autonomia

financeira, buscando uma lógica cooperativa, e se distanciando do modo de produção capitalista. Berth (2018), considera que o empoderamento social crítico e emancipador é um caminho possível, por ser um projeto que busca a consciência crítica emancipadora no coletivo de maneira não hierárquica e arbitrária.

Desse modo, evitando a hierarquização dos saberes e a invasão cultural. As colaboradoras entendem que sozinha é muito difícil qualquer enfrentamento, mas em conjunto conseguem estabelecer alguns diálogos fecundos, porém ainda precisa de muito mais. Maria sendo uma marxista comunista destacou a preocupação com a formação das militantes, para ela há uma necessidade urgente de compreender gênero e o feminismo em seu sentido progressista e de transformação de mundo, considera que o ativismo só será efetivo ao aproximar dos estudos teóricos feministas da luta de classe.

Segundo Gohn (2010), o caráter educativo do ativismo é um processo que ocorre por meio de ações compartilhadas, pactuadas e interativas. Com objetivo de que o Estado cumpra seu dever. Neste sentido, as colaboradoras vêm atuando permanentemente contra a violência doméstica, seguindo outras pautas como por exemplo a democracia em nosso país e a erradicação da violência patriarcal.

#### 4. CONCLUSÕES

Como resultados, ressaltamos a importância das epistemologias feministas descoloniais para aprender e conhecer a história das mulheres que colaboraram na construção do movimento feminista. Podemos inferir que as ações locais impactam positivamente a vida cotidiana de muitas mulheres do município. Nesta perspectiva teórica queremos visibilizar outras práticas feministas, aonde as mulheres latino-americanas aparecem como protagonistas, e não mais como objetos de estudos eurocêntricos.

Também destacamos que as narrativas das colaboradoras interligam e sobrepõem as categorias interseccionalidade, divisão sexual do trabalho, empoderamento social, violência doméstica e ativismo feminista. Essas relações que são narradas de maneira não linear, nos ensinaram a árdua tarefa do ativismo feminista. Estamos vivenciando um avanço nas discussões feministas por meio das redes sociais que auxiliam as práticas de nossas colaboradoras, mas ao mesmo, trazem a preocupação que de que só informação, pode não gerar conhecimento significativo e transformador.

Entendemos como elas que é necessário um ativismo feminista voltado às políticas públicas para as mulheres, principalmente as que são mais vulneráveis ao projeto neoliberal capitalista, que se encontram em situação de desemprego, precarização do trabalho, sem saneamento básico entre outras situações limitantes. Por fim, corroborando a perspectiva descolonial o ativismo feminista, desejado é anticapitalista, antirracista, anticolonialista.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

COLLINS, P. H. *Rasgos distintivos del pensamiento feminista negro*. In: JABARDO, Marcedes (org.). *Feminismos negros: uma antologia*. Madrid: traficantes de Sueños, 2012. p. 99-136.

CURIEL, O. *Crítica pós-colonial desde las prácticas políticas del feminismo antirracista*. Revista Nómadas, n. 26, Abril, 2007, p. 92 - 101.

FEDERICI, S. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.

GOHN, M.G. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2010.

\_\_\_\_\_. Movimentos sociais na contemporaneidade. In: Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, ANPED, v. 16 n. 47, mai – agos. 2011. p. 333-361.

HARVEY, D. O. **Enigma do capital: e as crises do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2011.

HOOKS, b. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 3<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

JOVCHELOVITCH, S. e BAUER, M. W. **Entrevista Narrativa**. BAUER, M. W. e GASKELL, G. Pesquisa qualitativa contexto imagem e som: um manual prático. Petropolis: Vozes, 2002. p. 90-113.

LAGARDE Y DE LOS RÍOS, M. **Los Cautiveiros de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas**. México: Siglo XXI Editores, 2 ED., 2015.

ROSENTHAL, G. **Pesquisa social interpretativa: uma introdução**. POA/RS EDIPUCRS, 2014.

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paul: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

\_\_\_\_\_. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. 3 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.